

Um Itinerário de Leitura do Livro de Pedro Luzes, *Do Pensamento à Emoção*

Ana Vasconcelos

If we think of emotions as essential elements of human intelligence, rather than just as supports or props for intelligence, this gives us especially strong reasons to promote the conditions of emotional well-being in a political culture: for this view entails that without emotional development, a part of our reasoning capacity as political creatures will be missing.

Martha C. Nussbaum, *Upheavals of Thought:
The Intelligence of Emotions*

Estas palavras da filósofa americana Martha Nussbaum podem ser lidas como uma sùmula iluminante do livro do psicanalista português Pedro Luzes, *Do Pensamento à Emoção* (2004), porque é da emoção, como cimento de ligação indispensável para o estabelecimento das relações interpessoais, de que trata este livro. Ou seja, as emoções que moldam a paisagem mental e social, a todos os níveis do funcionamento psíquico, do normal ao patológico, desde as percepções e representações mentais, até ao pensamento, no seu grau maior de criatividade artística e científica.

O texto que se segue, um itinerário de leitura entre muitos possíveis, é o resultado de uma leitura crítica, mas entusiasmada deste

livro de Pedro Luzes, um entusiasmo epistemológico que quero partilhar, pois é difícil encontrar um texto científico de entendimento psicanalítico sobre o psiquismo humano, onde a psicologia e a psicopatologia sejam tão bem explicitadas, clarificadas e enriquecidas. Por isso, este livro está de acordo com a tríade de Aristóteles que designa, como tarefas seminais do psiquismo do humano, a procura da verdade, do bem e da beleza.

Sob a égide da célebre frase de Freud de que ‘se há alguma coisa de valor na vida psíquica, são, antes de tudo, as emoções’, Luzes vai, no seu livro, dar corpo à importância que têm, no psiquismo humano, estes elementos tão difíceis de estudar cientificamente que são as emoções, na junção do fisiológico e do psicológico.

Através dos seus contributos pessoais e dos de outros autores, a partir do modelo psicanalítico, mas também reunindo outros modelos, como a psicologia cognitiva, psicologia genética, neurociências e biologia, Luzes dá uma lição do que deve ser, hoje, o entendimento científico da psicologia e da psicopatologia, salientando as patologias mais frequentes e os modelos de entendimento psicopatológico mais úteis, para a clínica e para a intervenção terapêutica.

Seguindo os seis capítulos do livro, este artigo pretende ser, somente, uma visita guiada que, enfatizando alguns dos temas do argumento do livro, possa constituir uma chamada de atenção para a riqueza científica que este livro contém e que o torna num marco incontornável na literatura, em língua portuguesa, da psicologia e da psicopatologia.

A tese central do autor é acerca do papel fundamental das emoções no estabelecimento das relações interpessoais, explorando o modo como o funcionamento psicológico e psicopatológico humano é compreendido pela teoria psicanalítica. Através de uma revisitação de novos contributos da metapsicologia dinâmica, das principais teorias e modelos da psicanálise, clarificando teorias e modelos sobre as relações entre percepções, representações mentais e pensamento, Pedro Luzes nunca deixa de alertar, porém, para fragilidades, e mesmo erros, que concepções mais antigas revelam face aos novos conhecimentos psicanalíticos.

Ao longo do livro, Luzes valoriza, repetidamente, a genialidade de Freud, o que não o impede de considerar, por outro lado, os diversos autores que, numa perspectiva científica, humanista e ética, mais contribuíram para o conhecimento do psiquismo humano, nomeadamente, autores pós-freudianos como Melanie Klein e Bion, mas também pensadores como Piaget e W. James.

Capítulo 1: O Mundo das Representações

No primeiro capítulo, fundamentado em mais de uma centena de referências bibliográficas, Pedro Luzes desenvolve a tese de que as representações mentais são elementos básicos da vida cognitiva e afectiva, conferindo estabilidade à vida mental.

Sob a égide da psicologia filosófica que, diz Luzes, tem, atrás de si, séculos de reflexão e expositores ilustres, citando Platão, Aristóteles, Locke, Hume e Kant, dá particular ênfase à perspectiva de William James sobre as representações mentais. Neste modelo, o autor estuda as representações mentais, no seu duplo carácter de percepções e de conceitos. De seguida, valorizando os contributos da psicologia genética de Piaget sobre as origens da vida psíquica e sobre o crescer do pensamento cognitivo, é feita referência ao vértice desta psicologia que, postulando que uma estrutura psíquica pode explicar-se por outra anterior menos elaborada, designa as representações mentais como derivadas das percepções, e como tendo actividades figurativas e operativas que fazem a ponte entre o desenvolvimento dos esquemas motores e a entrada no território do simbólico.

Por outro lado, Pedro Luzes refere a mais valia que Freud e a psicanálise trouxeram ao estudo das representações mentais, ao dotar as imagens mentais, que no modelo de Piaget são, na verdade, estáticas e descontínuas, de fluidez e capacidades adaptativas e pondo-as em íntima ligação com o desejo. Ainda, e numa perspectiva humanista, acrescenta Luzes, Freud atribuiu às representações mentais duas características inovadoras, em relação à psicologia clássica, ao considerar que o psiquismo humano, desde o nascimento, privilegia as representações que têm como objecto os outros seres humanos ou as suas propriedades e que, além disso, só os objectos alvo de motivação podem obter representação mental: 'O que distingue o homem do animal é a possibilidade de ter expectativas marcadas desde o nascimento em relação a outros seres humanos' (p.21).

Reafirmando a concepção psicanalítica de que o desenvolvimento do psiquismo se inicia pela necessidade de sobrevivência do bebé humano, numa dura realidade onde a satisfação das necessidades e dos desejos não é automática, Luzes reforça a teoria da existência de uma tendência inata, no humano, para a vinculação, ou seja, para o estabelecimento de relações objectais alicerçada nas emoções e nos estados afectivos. Para realçar este aspecto, o autor convoca as síndromes autísticas, onde o deficiente desenvolvimento das emoções vai impedir que a criança pequena possa estabelecer uma relação de vinculação

normal com os objectos de relação, vinculando-se a objectos autísticos, sem que se desenvolvam normalmente as emoções, nem surjam as funções de representação, de comunicação e de motivação.

Neste sentido, Luzes adverte que, embora o bebé tenha, desde o nascimento, um Eu funcionando no seu psiquismo que lhe permite um contacto com a realidade, a partir das percepções, contudo, neste estado inicial do seu desenvolvimento emocional, o bebé só é capaz de estabelecer uma interligação afectiva que permita uma relação de vinculação, se existirem as emoções para estabilizar essa vinculação. Assim, no início da vida psíquica, para que os instintos e a sensibilidade exteroceptiva, ou seja o Id e o Eu, possam funcionar em simultâneo e não separadamente, é essencial o cimento das emoções.

Referindo-se à construção mental do objecto, Pedro Luzes faz, novamente, uso das concepções de Piaget, por considerar que dão um contributo útil às teorias metapsicológicas, ao definirem que, primeiro, o objecto se torna num objecto unificado e só, posteriormente, se torna num objecto permanente na mente. A este intervalo, que medeia entre o objecto unificado e o objecto permanente, Luzes acrescenta-lhe um significado afectivo, ligado às intensas angústias que o medo da perda do objecto gera no bebé. Convocando o modelo de Bion dos elementos primitivos (elementos β) e das primeiras representações mentais (elementos α), Luzes considera que, se os elementos α são criados na mente na fase de objecto total, unificado, só será, porém, na fase de objecto permanente que estas primeiras representações vão ficar consolidadas no funcionamento psicológico, por ser nessa fase do desenvolvimento que as representações mentais ganham um novo significado emocional. Este ganho, na confluência destes dois modelos da psicologia, segundo é explicado pelo autor, é fruto da permanência do objecto de relação no mundo das representações mentais, possibilitando a sua evocação e tornando possível todas as construções ulteriores, tanto a nível representativo ou cognitivo, como afectivo ou vincutivo.

E é a propósito desta realidade do psiquismo humano – onde o mundo psíquico predomina sobre o real e onde as emoções, tanto as de satisfação como as de frustração, intervêm na construção da realidade psíquica – que Luzes afirma: ‘A acção dos sentimentos e das emoções cria imagens, fantasias, toda uma fantasmagoria, em que o imaginário é mais importante que o real, em que o futuro é preferido ao presente’ (p.26).

Nesta valorização do imaginário e do devir, o autor destaca, em especial, ao longo do livro, os mecanismos de defesa, por constituí-

rem os instrumentos que o Eu utiliza para lutar contra a dura realidade, colocando-os num contínuo entre o normal e o patológico, e estudando-os na sua dupla vertente da normalidade e da psicopatologia.

Assim, a clivagem das representações mentais é referida, como um mecanismo de defesa imprescindível ao normal funcionamento psíquico do bebé, porque, dada a sua imaturidade psíquica, o objecto não pode ser representado como um todo, emergindo no psiquismo nascente, ora como um bom objecto que satisfaz e gratifica, ora como um mau objecto que frustra. Consequentemente, será a clivagem que vai permitir que, por um lado, diminuam as angústias e conflitos do Eu, quando este tem de lidar com o mau objecto, e que, por outro, o Eu tente suprimir, no objecto, alguns dos seus aspectos ameaçadores.

Por outro lado, Luzes distingue, no âmbito da clivagem com funções de adaptação e, portanto, de crescimento psíquico, uma *clivagem perceptiva normal* – a primeira a aparecer e que dura até se dar a unificação do objecto de relação – e uma *clivagem figura-fundo*, clivagem cognitiva que aparece na fase de unificação do objecto, actuando em situações de separação do objecto de relação e que permite que a criança distinga, separadamente a figura e o fundo. Além disso, considera ainda a *clivagem defensiva* que, existindo também desde o início da vida mental, actua quando aparece uma situação que apresenta perigos emocionais, clivando o objecto ameaçador ou o Eu, de forma a dividir e a diminuir as angústias e os conflitos do Eu. É integrado neste tipo de clivagem defensiva que Luzes introduz o conceito de *imago*, para designar os aspectos representativos deformados que surgem, no psiquismo da criança pequena, em relação com as pessoas que a rodeiam afectivamente e que vão, por outro lado, ser parte integrante da narrativa interna que acompanha a pessoa, ao longo de toda a sua vida psíquica.

Considerando, de seguida, a fase de início da unificação dos aspectos gratificantes com os aspectos frustrantes do objecto de relação, o autor equaciona esta unificação, a partir do modelo da passagem da posição esquizo-paranóide para a posição depressiva da teoria de Melanie Klein. Segundo Luzes, será no âmbito do funcionamento psicológico emergente desta dialéctica entre estas duas posições que a criança pequena vai conseguir elaborar, psicologicamente, os aspectos frustrantes do objecto de relação que lhe causam sensações e emoções negativas, tais como a angústia, a sensação de perda ou a necessidade de reparação. Novamente, para que esta elaboração seja feita com êxito, são fundamentais, segundo é salientado pelo autor,

os mecanismos de clivagem, pois são estes mecanismos que evitam que as emoções e as sensações se tornem demasiado dolorosas. De igual modo, é argumentado que, sendo inerente à clivagem que o seu aparecimento somente se faz num momento do desenvolvimento psicológico em que os limites entre o Eu e o não-Eu já estão estabelecidos, o psiquismo já terá, então, capacidade para reconhecer e separar os aspectos bons dos maus, exercendo-se a clivagem, exclusivamente, sobre os aspectos maus da representação do objecto. E será também por via de uma sucessão de clivagens que a criança pequena pode se identificar aos componentes do mundo real, descobrindo e internalizando aspectos tranquilizantes desse mundo real. Contudo, nunca deixam de existir, no psiquismo humano, aspectos temerosos e angustiantes que resultam da projecção e da fantasia, uma vez que a clivagem nunca é suficientemente eficaz para eliminar todos os aspectos negativos que surgem no psiquismo. Por isso, Luzes afirma (p.31):

Tudo o que no ser humano é classificado de alienação (ao nível da personalidade), de mitificação ou de possessão demoníaca, de personificação ou animização da Natureza, depende da clivagem e dos mecanismos de defesa que lhe estão associados. A universalidade destes fenómenos mostra a persistência da clivagem.

O recalçamento, que se mantém ao longo de toda a vida, vai possibilitar, segundo esta perspectiva, que os objectos, já representados psicicamente com os seus dois aspectos, bom e mau, possam residir dentro da pessoa, passando o material recalçado a viver no interior do *Self* e ocupando o território do psiquismo que Freud designou por inconsciente. Como ironiza Luzes, 'o diabo passa a residir dentro de nós' (p.31).

A nível da psicopatologia, por outro lado, a evolução maligna da clivagem, designada por *clivagem múltipla*, constitui, refere Luzes, o mecanismo predominante da esquizofrenia, patologia que o autor expõe, convocando os conceitos kleinianos, que considera serem essenciais para se compreender os primeiros mecanismos do funcionamento psicótico, onde o espírito, porque parece não conseguir distinguir o bom do mau alimento, fica com uma incapacidade para pensar e para desenvolver qualquer tipo de escala de valores. O autor acrescenta que, quando esta clivagem maligna atinge a estrutura do Eu ou do *Self*, origina uma desintegração psíquica que conduz à esquizofrenia e, agindo sobre as representações dos objectos, origina

um estado de confusão mental. Este mecanismo da clivagem múltipla é, nos nossos dias, frequente na psicopatologia infantil, aparecendo em crianças invadidas por um estado de confusão mental, parecendo estarem numa postura de recusarem tudo e só saberem responder às perguntas sobre os seus sentimentos e desejos com a resposta triste: 'Não sei'.

A par da clivagem, Luzes destaca o papel da identificação projectiva, salientando a importância de diferenciar o modo de operar deste mecanismo de defesa em relação ao da clivagem. Assim, precedendo a clivagem, a identificação projectiva é mais maciça do que a clivagem, porque – quando opera por clivagem do *Self*, seguida de projecção, para permitir que a pessoa se liberte de partes de si próprio – engloba, nessas partes, aspectos bons e maus da personalidade, uma vez que ainda não há uma franca separação do Eu com o não-Eu, como já existe quando se dá a clivagem. Contudo, segundo é explicado pelo autor, o que, na realidade, se passa é que a pessoa, ao clivar partes de si que rejeita e ao projectá-las nos outros, 'desaparece dentro dos outros para evitar a impressão de desamparo' (p.38) e, por isso, conclui, 'a identificação projectiva é, assim, um mecanismo que conduz a uma fuga de si próprio' (p.38).

Como processo essencial ao normal crescimento psíquico, Luzes enfatiza o modo como Bion considerou a identificação projectiva, vendo-a como um dos alicerces de comunicação afectiva entre a mãe e o bebé, numa fase pré-verbal do desenvolvimento infantil, mas, também, na comunicação entre o analista e o paciente ou analisando, na sessão de psicanálise. E é a propósito da sessão psicanalítica que o autor faz referência à Grelha dos Elementos da Emoção e do Pensamento construída por Bion, onde são dispostas as produções emotivas e ideativas, tanto do paciente como do analista, numa série de categorias, a partir de duas coordenadas: a diacrónica, que respeita a evolução genética ou de complexidade do pensamento; e a sincrónica, que corresponde aos diferentes usos que são atribuídos a essas produções.

Abordando, de seguida, as teorias sobre as representações mentais nas neuroses e nas psicoses, Luzes faz uma leitura compreensiva dos sintomas. Nesta análise, os sintomas não são apenas considerados uma exteriorização simples e automática dos impulsos que estavam, até ao momento da eclosão dos sintomas, controlados e proibidos de falar de si no consciente, mas são, também, a tradução do mundo desviado e misterioso que constitui o território dos impulsos, ou seja, o inconsciente. Quanto ao papel que o Eu tem na cons-

trução dos sintomas, Luzes considera que, na neurose, o Eu comete erros na representação e na avaliação do real mas respeita o real como ele é, enquanto na psicose esses respeito pelo real é muito mais ténue, havendo, como no sonho, uma ignorância ou uma escamotização do real.

Na compreensão da génese da psicose, Pedro Luzes apoia-se na teoria do *amor primário* de Balint, considerando que, na esquizofrenia, não é de uma organização narcísica que se trata, mas de uma propensão para uma forma especial de amor não narcísico, mas passivo, que quer receber sem dar, prendendo-se, muito fixamente, a alguém. Neste contexto e fazendo referência ao seu anterior trabalho, *Contradições do Narcisismo* (1982), Luzes toma a identificação projectiva com valor psicopatológico e considerar que é o uso psicótico deste mecanismo de defesa que está no cerne da psicopatologia psicótica, uma vez que este mecanismo que poderá fazer face ao que está na base das psicoses, a saber, um aumento constitucional ou adquirido do sentimento de sofrer uma constante agressão por parte da realidade. Esta agressão leva a um afastamento da realidade e dos objectos de relação que, na sua representação, o paciente psicótico receia. E é este afastamento da realidade, considera ainda o autor, que origina, também, a perda dos objectos de relação, responsável pelas alterações características das representações verbais do paciente esquizofrénico, nomeadamente, pela forma complicada e repleta de preciosismos da sua linguagem.

Desta forma, seguindo o argumento do autor, as palavras vão perder, para o paciente esquizofrénico, o seu valor consensual e comunicacional com os outros e com ele próprio, passando a serem usadas como coisas em si. Neste ponto, Luzes faz uso do modelo de Anna Segal da *equação simbólica*, para demonstrar que se, no neurótico e no indivíduo normal fruto de uma verdadeira simbolização, o símbolo apenas representa a coisa, sem se confundir com ela e respeitando o que é próprio da simbolização, na esquizofrenia, ao contrário, esta representação na mente vai evocar a mesma resposta emocional que o objecto. Para o paciente, de acordo com a explicação desenvolvida por Luzes, o símbolo torna-se em algo que é mais do que uma mera representação, porque é tratado como idêntico ao objecto, como se fosse o próprio objecto. Consequentemente, deixa de estar apto para operações intelectuais que envolvam a abstracção da situação primitiva que produziu o objecto e que apelem a uma generalização. Numa perspectiva genética, acrescenta Luzes, a equação simbólica pode ser considerada

como a primeira etapa normal da formação do símbolo. O bebé, na sua procura, por um lado, de satisfações imaginárias de desejos que, antes, tinham sido satisfeitos pela mãe (objecto de vinculação), e, por outro, de uma defesa contra as angústias persecutórias suscitadas pelas falhas da mãe, enquanto objecto cuidador e de vinculação, vai substituir a mãe por outros objectos que, de algum modo para ele, a simbolizam e, dessa forma, se tornam em símbolos dela ou de partes do seu corpo cuidador. Desta forma, o bebé vai construindo equivalentes-mãe que, de acordo com o seu pensamento mágico e animista, ele identifica à mãe.

Ainda sobre as perturbações das representações mentais nas psicoses, Luzes evoca os trabalhos de Grotstein. Este autor desenvolve uma nova perspectiva neuronal, psíquica e comportamental da esquizofrenia, considerando-a resultado de uma clivagem anómala, porque, ao funcionar de forma demasiada ou extrema e provocando uma fragmentação ou uma ineficiente clivagem, é geradora de confusão. Esta fragmentação ou confusão não vai permitir que, no desenvolvimento do futuro paciente esquizofrénico, se possam realizar as integrações de objectos que levam à formação de um objecto total. Desta forma, na sua mente, só se vão poder constituir objectos como conglomerados de fragmentos discordantes. Mais tarde, estes conglomerados passam a controlar o Self sob a forma de delírios, alucinações e neologismos, semelhantes a um automatismo mental em relação ao qual o paciente não tem como escapar.

Pedro Luzes conclui este capítulo com uma síntese da sua fecunda exposição sobre as representações mentais como entidade psíquica, considerando que as representações mentais são elementos básicos da vida cognitiva e afectiva porque:

- dão estabilidade à vida mental, permitindo que se processe a distinção entre o Eu e o não-Eu e a constância e permanência dos objectos de relação no mundo psíquico;
- garantem a regularidade das reacções afectivas, na medida em que o afecto não se fixa nos objectos exteriores, mas aloja-se nas representações mentais;
- permitem uma estabilidade da vida mental, perante o real, em constante mudança e devir, fazendo com que a pessoa oscile entre, por um lado, sentimentos de segurança e de invulnerabilidade e, por outro, sentimentos de ser um mero brinquedo das circunstâncias;
- permitem, uma certa estabilidade a nível das emoções que, ao gerarem satisfação ou desprazer, constroem novas representações, ou deitam por terra as anteriores.

Capítulo 2: Processos de Pensamento

No segundo capítulo, o autor torna a evocar a teoria fenomenológica de W. James, dando ênfase à modernidade das concepções deste autor, segundo o qual o pensamento está, sempre, rodeado de uma áurea de sentimentos pessoais, sob a influência motivadora das emoções, emoções que actuam independentemente das influências cognitivas. Por outro lado, Luzes trata da teoria de Piaget sobre o desenvolvimento intelectual, destacando os conceitos de figurativo e operativo, aplicados às percepções, às imagens e à função semiótica, e o modo como, por outro lado, a psicologia genética de Piaget concebe a evolução do pensamento, a partir dos esquemas motores e das operações de assimilação e de acomodação, com sucessiva internalização de acções.

Numa perspectiva holística, é feita referência aos autores psicanalistas que estudaram os fenómenos cognitivos das neuroses e das psicoses, partindo das fases do desenvolvimento intelectual descritas por Piaget. Neste sentido, Anthony, estudando a criança psicótica, colocou em destaque a existência de um desequilíbrio entre os estádios de assimilação e de acomodação na constituição do objecto. A questão aqui é uma assimilação exagerada, implicando um aumento dos mecanismos de reconhecimento, de reprodução e de generalização semelhante ao mecanismo de projecção descrito por Freud, traduzido por um predomínio do egocentrismo, da fantasia e da actividade simbólica. Neste sentido, Luzes considera que esta situação psicopatológica se observa em certas alterações caracteriais esquizóides, borderline ou histéricas graves, traduzindo-se, clinicamente, por pseudo-personalidades que se comportam como se estivessem submetidas, masoquistamente, a um ambiente considerado como persecutório.

Por outro lado, Odier – aplicando, conjuntamente, os modelos do funcionamento intelectual de Piaget e os dos mecanismos de defesa do Eu da psicanálise à criança pequena e ao paciente neurótico adulto – considera que ambos tomam o subjectivo por objectivo, numa postura de egocentrismo que, se é esperada na criança pequena, no paciente neurótico já entra na esfera da psicopatologia, sendo devida a uma defesa exagerada pela identificação projectiva. Odier estudou também o excesso de sincretismo nas percepções que podem originar, na criança em idade escolar e em sofrimento neurótico. A criança, nestes casos, vai perceber, na aprendizagem da escrita, gestalts isolados, não conseguindo aceder ao pensamento de associação se-

gundo o código linguístico da escrita, o que explica que a criança tenha uma incorrecta escrita das palavras, quer por aglomeração de palavras (como na escrita fonética da dislexia de desenvolvimento), quer por dissociação de palavras que perdem a sua unidade (disortografia), sem haver, porém, incorrecção na linguagem falada.

Por outro lado, é também um sincretismo excessivo que está na origem da insuficiente compreensão que estas crianças apresentam para o que ouvem ou lêem, porque o raciocínio está apoiado em semelhanças superficiais ou no ritmo da frase e não no seu conteúdo semântico ou na posição das palavras em relação às conjunções e às negações (impossibilidade de compreender uma dupla negação na mesma frase). Nos pacientes adultos neuróticos, este excesso de sincretismo explica o raciocínio imaginativo e a tendência a estabelecer juízos sobre elementos insuficientes. Este é o caso, segundo Luzes, dos pacientes abandonónicos, sempre esfomeados de amor, que se julgam constantemente em perigo de serem traídos ou abandonados pelos seus objectos de afecto, confundindo uma justa repartição dos sentimentos, entre as várias pessoas, com uma injusta divisão, o que os leva a uma confusão sincrética entre divisão, enfraquecimento e, finalmente, perda de amor.

Seguidamente, são abordados os processos do pensamento, do ponto de vista psicanalítico, analisando os mecanismos de defesa do Eu, na medida em que são esses mecanismos que servem de mediadores entre os dois processos do funcionamento mental, o processo primário e o processo secundário. Esta mediação possibilita, no funcionamento psicológico normal, que se instale o registo do processo secundário, permitindo que a frustração e a dor mental respeitem a dureza da realidade e respeitando o princípio da realidade que governa o processo secundário.

Neste sentido, Luzes começa por descrever a *negação*. O autor considera que este mecanismo de defesa tem, no diálogo psicanalítico, uma função semelhante à a ironia no diálogo socrático ou platónico, porque, como a ironia, a negação diz não aos desejos obsessivos, às ilusões transferenciais, ao mesmo tempo que reconhece esses desejos e essas ilusões. É também a negação, segundo a explicação do autor, que marca a separação entre o conteúdo afectivo e o conteúdo intelectual. Ou seja, enquanto a afectividade procura expulsar as representações que provocam desprazer, não admitindo o que foi recusado pelo princípio da realidade, recalcado para o território do inconsciente, a negação, por seu lado, utiliza a actividade representativa, usando símbolos gestuais e verbais de negação para conseguir,

diz Luzes, o re-aproveitamento dos elementos recalçados e, dessa forma, permitir obviar essa expulsão. Desta forma, o autor considera, e em consonância com Bion, que a negação, a par da frustração, tem importância na origem do pensamento, porque é quando o objecto não está presente que esse mesmo objecto pode ser pensado, ou seja, é a não-coisa que, na evolução do funcionamento mental, se torna num pensamento e não a coisa em si.

Por outro lado, e a partir do modelo de Bion da alternância entre as duas posições esquizo-paranóide e depressiva, Ps ↔ D, Pedro Luzes aborda o papel da *clivagem* do pensamento, na sua função adaptativa. Esta permite que a pessoa, colocada, na posição esquizo-paranóide e perante uma série de factos mentais, possa procurar os factos seleccionados que lhe vão permitir, por sua vez, fazer a síntese e levar à resolução da situação em causa, entrando na posição depressiva.

Em íntima associação com a clivagem está, segundo Luzes, a *identificação projectiva*, na medida em que ambas fazem parte dos estados de não-integração do início da vida psíquica e que caracterizam a posição esquizo-paranóide. O autor salienta a função adaptativa da identificação projectiva, que, no funcionamento psíquico do bebé, tem funções essenciais de delimitação entre realidade subjectiva e realidade externa, constituindo a base da fase simbiótica do desenvolvimento. De igual modo, Luzes salienta que é este mecanismo de defesa que, quando em pequenas doses, permite que a criança possa imaginar o modelo dos funcionamentos psíquicos exteriores, a partir do seu próprio funcionamento próprio, e, dessa forma, comece a tentar compreender esses funcionamentos, por identificação, o que lhe vai possibilitar uma cada vez melhor construção do real.

Baseando-se no modelo de Bion, da combinação entre um conteúdo (♂) e um continente (♀), Pedro Luzes salienta, igualmente, o papel essencial da identificação projectiva, no desenvolvimento da capacidade para pensar do bebé. A identificação projectiva, conjuntamente entre a mãe, através da designada capacidade de rêverie materna, e o bebé, vai permitir que a mãe, enquanto continente receptor, receba os elementos do pensamento que o bebé, por não os conseguir pensar, projecta nela, e os devolva ao bebé, de forma modificada e já capazes de serem pensados por ele.

Quanto ao *recalcamento*, Pedro Luzes considera-o o protótipo da defesa mental, na medida em que procura manter, fora do alcance da consciência, desejos, pensamentos, fantasias e recordações que deram inicialmente muito prazer, mas que, por via das exigências ou dos tabus ulteriores, vieram a causar desprazer e, principalmente,

angústia. No entanto, segundo é explicado por Luzes, o recalçamento não é da ordem do esquecimento, uma vez que o material recalçado não é esquecido, mas mantido no inconsciente e, quando retorna ao consciente, vem de um modo disfarçado, de forma a poder escapar aos motivos de defesa e à angústia desencadeada pelo território do consciente. O autor considera, por outro lado, o recalçamento e o retorno do recalçado como um fenómeno universal da mente humana, na medida em que ambos estão na base das motivações subterráneas que existem nos interesses, valores, ideologias, criações artísticas e nas pesquisas intelectuais. Neste contexto, Luzes introduz o modelo de Bion de *transformações* dos elementos do psiquismo, fazendo uma exposição clarificadora sobre as transformações que ocorrem na neurose de transferência e nos processos psicopatológicos, destacando o papel transformador que as emoções exercem sobre os processos cognitivos, tanto patológicos como os do funcionamento psicológico normal.

Para exemplificar este papel das emoções, Luzes refere os processos de pensamento mais puros que compreendem os mitos, as ideologias e as descobertas científicas, considerando que o papel das fantasias e dos afectos é inegável nestas produções da mente humana. Freud ligou o aparecimento do pensamento das ideologias com a angústia perante a realidade e perante a finitude da vida, considerando, por exemplo, o momento da adolescência, quando a vida já não é um tempo infinito. Luzes completa este pensamento freudiano afirmando que a ideologia pode ser vista como uma procura da onipotência, através de uma super-valorização do pensamento, onde predominam os elementos abstractos, o que supõe a existência de fundas raízes afectivas, procurando a pessoa, por intermédio da ideologia,

forjar novos laços afectivos, dentro de uma comunidade, de um grupo, de uma seita, em geral fora dos sistemas familiares que são rejeitados. Ou então a sua ligação afectiva faz-se unicamente ao Ideal, à Ideia Nova, constituídos em sistemas ético ou estético (p.99).

Ainda sobre as ideologias e quando expõe a sua ideia, já desenvolvida no seu anterior trabalho, *Les Troubles de la Pensée en Clinique Psychanalytique* (1968), de que as ideologias podem, por vezes, situar-se no quadro das perturbações gerais do pensamento, Luzes afirma, por outro lado: 'As ideologias do mundo moderno substituem, a maioria das vezes sem vantagem, os antigos mitos e lendas. Nestes,

o desejo, a carência e necessidade de objectos mais ou menos permanentes e estáveis eram, porém, admitidos sem disfarce' (p.100)

No final deste capítulo, é feita referência aos trabalhos de Matte Blanco sobre a *lógica do inconsciente* e que ampliam a ideia pioneira de Freud de que os fenómenos inconscientes não seguem as leis da lógica, o que designou por não-lógica. Modelo difícil de apreender, Luzes clarifica alguns dos seus aspectos, nomeadamente, o papel que Matte Blanco dá à emoção, considerando-a ser a mãe do pensamento, na medida em que é sob a égide das emoções que a dualidade consciente-inconsciente – onde reinam as duas lógicas, a do pensamento consciente e a não-lógica do pensamento inconsciente – vai permitir que a criança brinque ao faz de conta, sabendo que, na cena lúdica, é aquilo que não é, e que o adulto, seja ele Einstein ou seja ele Luís de Camões, possa ter e desenvolver pensamento criativo.

Capítulo 3: Linguagem e Pensamento. A Procura do Significado

O terceiro capítulo é dedicado às relações entre as práticas da linguagem e do pensamento, como uma permanente reconstrução do significado. Partilhando a teoria de Vygotsky, segundo o qual o pensamento e a linguagem são dois processos com origens diferentes, Pedro Luzes afasta-se da concepção de que a linguagem é um mero instrumento de comunicação exclusivo do pensamento ou a de que a linguagem é um molde para o pensamento.

Neste sentido, considerando o papel que as necessidades e acções corporais têm sobre a linguagem, o autor afirma que todo o discurso se pode tornar numa simbolização de actividades sexuais infantis e expõe, assim, o percurso que a criança faz para passar do jogo verbal egocêntrico à comunicação verbal, passagem cujo êxito inicial, refere o autor, fará crescer, dentro da criança, a crença nos poderes mágicos da palavra.

Tendo em atenção a linguagem na sessão psicanalítica - e partindo da ideia de que a psicanálise é uma hermenêutica, no sentido de Paul Ricœur, e que a sessão em divã assenta na expressão verbal em detrimento dos outros canais de comunicação – Pedro Luzes demonstra como o psicanalista trata o que o paciente lhe comunica, descodificando essa comunicação de um modo próprio à psicanálise. Este processo de descodificação, segundo o autor, pode ser visto à luz do modelo de Widlöcher do co-pensamento, conceito que se diferencia da empatia, na medida em que não é um processo de identifi-

cação do analista ao seu analisando, mas uma possibilidade do analista seguir o desenvolvimento dos pensamentos do analisando e analisar como estes pensamentos se articulam entre si e o fim que pretendem alcançar, detectando, em simultâneo, os mecanismos de defesa envolvidos.

Capítulo 4: As Perturbações do Pensamento em Clínica Psicanalítica

Neste capítulo, dedicado à psicopatologia descritiva e dinâmica do pensamento – e depois de descrever dois casos clínicos demonstrativos de como as alterações do pensar podem aparecer como sintomas de primeiro plano – Pedro Luzes toma dois vértices psicanalíticos interligados que vêm valorizar o entendimento da psicopatologia. No primeiro vértice, o autor considera que as perturbações do pensamento, fazendo parte dos diferentes mecanismos de defesa produtores de sintomas, devem ser objecto de uma análise, permitindo observar as sobreposições que se operam nos diferentes mecanismos de defesa, o que melhora o entendimento dinâmico psicopatológico nas diferentes entidades psiquiátricas.

No segundo vértice, Luzes afirma que são os pensamentos, oriundos do inconsciente e representantes dos processos instintivos ou dos impulsos, que se vão introduzir no território do consciente, sob a forma de pensamentos incorrectos, e que vão contribuir para a formação dos sintomas. Estes sintomas que, por sua vez, vão tomar, de forma desadequada, o lugar de uma satisfação adequada dos impulsos, porque a perturbação do pensamento permitiu que o Eu, num funcionamento insuficiente ou desadequado, pudesse aceitar essa satisfação, também ela, desajustada.

Capítulo 5: Psicopatologia Descritiva e Dinâmica em Clínica Psicanalítica

A partir daqueles dois vértices, Pedro Luzes desenvolve no quinto capítulo, a análise das perturbações do pensamento, nas diferentes psicopatologias, preocupando-se em destacar, para cada entidade nosológica, os mecanismos de defesa dominantes.

No que respeita à *histeria*, é afirmado que a desordem do pensamento histérico, devida ao recalçamento das novas experiências que

o paciente vai vivenciando, está também na origem das amnésias lacunares em relação a factos do passado. Esta desordem provoca uma descontinuidade das vivências, que pode ser responsável por o paciente não conseguir alcançar uma verdadeira maturação psíquica. A este propósito, Luzes compara a diferente evolução clínica dos dois casos paradigmáticos de histeria, descritos por Freud, o caso de Dora e de Anna O.. Assim, refere que, enquanto a paciente Dora nunca veio a atingir a maturidade psíquica, por não ter conseguido vencer a situação edipiana nem ter havido sublimação dos conflitos, já Anna O. conseguiu, por numerosos processos de sublimação associados a formações reactivas, dar uma solidez ao seu Eu, permitindo que tivesse alcançado uma actividade psíquica criativa, como está patente no seu trajecto de vida.

O autor salienta também o papel da clivagem que, na histeria, vai anular uma continuidade psíquica, trabalhando a favor do rompimento do determinismo psíquico e acrescenta, por outro lado, que este mecanismo psicológico é responsável pela famosa *belle indifférence* dos pacientes histéricos, na medida em que as intensas angústias corporais, nomeadamente de castração destes pacientes, estão clivadas do resto da personalidade, de forma a não poderem ultrapassar o Eu corporal e, portanto, não invadirem o resto do Eu.

No que respeita às perturbações do pensamento referentes às *fobias*, é enfatizado o papel da angústia fóbica que, pela sua função de dissociação do pensamento, leva a que este exerça um controlo sobre a relação objectal, socorrendo-se dos mecanismos de defesa como a projecção, o pensamento mágico e o animismo, como está patente no caso mais famoso de fobia infantil, descrito por Freud, acerca do pequeno Hans. Pedro Luzes argumenta ainda que o pensamento mágico é um mecanismo psíquico, permitindo negar a ordem dos factos e a sua causalidade objectiva, substituindo-os por uma organização e por causalidades ligadas a pensamentos inconscientes, onde reina a causalidade psíquica regida pelo princípio do prazer e pela lógica dos processos primários. Ou, como diz o autor, o pensamento mágico 'tende a organizar os factos em fastos e nefastos, portanto a separar o real em domínio maléfico e domínio benéfico' (p.154).

Seguidamente, a propósito da *neurose obsessiva*, Pedro Luzes valoriza também o papel da clivagem, responsável pela regressão do funcionamento do pensamento ao processo primário e pelo medo que estes pacientes têm da desintegração psíquica. A partir das três vias de ligação dos pensamentos entre si, descritas por Freud, o sentido, o determinismo psíquico e a inteligência, Luzes expõe os meca-

nismos de defesa envolvidos na neurose obsessiva: o sentido é perdido através da condensação que aglutina as significações; o determinismo psíquico é abolido devido ao deslocamento para pormenores insignificantes e pela dúvida, sendo falseada a causalidade exterior, substituída pelo animismo e pelo pensamento mágico; a inteligência, apesar do obsessivo ter reputação de intelectual, é afectada pela falta de espírito de síntese.

Por outro lado, discutindo as *psicoses projectivas* e a *esquizofrenia*, são clarificados pelo autor alguns elementos que distinguem estas duas psicopatologias, unidas pelas ideias delirantes, os mecanismos de clivagem, as perturbações da linguagem e as alterações da função sintética do Eu. Assim, em relação às ideias delirantes, Luzes considera que, na esquizofrenia, o delírio mostra a sua presença, através do animismo e do pensamento mágico, testemunhando uma vitória do recalçamento que isola o paciente do mundo, enquanto, nos delírios paranóicos, é a projecção que permite uma restituição e um contacto renovado com os objectos.

Referindo-se à parte não psicótica da personalidade, na esquizofrenia, à qual o paciente recorre para se defender da parte psicótica, Luzes salienta que este processo, que designa de autocura, se faz através de um superinvestimento das tendências sintéticas do Eu. E acrescenta que são estes esforços de síntese do Eu – uma das raras fontes de gratificação narcísica do paciente – os responsáveis pelos tão característicos sistemas universais e pelas cosmologias da patologia esquizofrénica, que o paciente constrói à procura de causalidade e tentando encontrar explicações para a génese do mundo e da existência humana. O autor não deixa de acrescentar, porém, que estas produções são, na verdade, elaborações que funcionam no vácuo, apenas produzindo fórmulas verbais, pseudo-filosóficas ou sistemas delirantes.

Na análise da *psicose maníaco-depressiva*, por outro lado, Pedro Luzes distingue o que é próprio dos estados depressivos e o que caracteriza os mecanismos depressivos da psicose bi-polar, nos quais os mecanismos esquizóides são mais evidentes. Nestes casos, as modificações acentuadas no conteúdo do pensamento são devidas à clivagem da personalidade, uma característica da dissociação melancólica e que também explica a alternância entre depressão e mania, nesta entidade psicopatológica. Próprio dos mecanismos esquizóides, segundo Luzes, é também a perda de ressonância afectiva destes pacientes, quando estão na fase depressiva, o que não é evidente que se passe nos pacientes depressivos, entre os quais a utilização dos mecanismos da identificação projectiva não é tão marcada. O autor

refere também que, na depressão, são as partes ideais do Eu que são projectadas, enquanto, na psicose bipolar, dominando o processo esquizóide, são as partes más do Eu que são projectadas.

Esta abordagem das perturbações do pensamento ou psicopatologia do pensamento termina com o estudo dos *caracteres esquizóides*, voltando o autor a reafirmar a crescente frequência desta psicopatologia na clínica psiquiátrica de hoje, tanto no adulto, como no adolescente e na criança em idade escolar. Por outro lado, Luzes chama a atenção para o facto que engloba, nos caracteres esquizóides, formas clínicas que não correspondem, necessariamente, a casos-limites próximos da psicose, como são as crianças-prodígios (de cariz autístico), os caracteres paranóides e as formas de obsessão-esquizoidia. Todas estas formas, refere, caracterizam-se pela frieza emocional e pela onnipotência das ideias e têm, como traço dinâmico principal uma dificuldade de comunicação com os outros, devida a mecanismos de clivagem e de identificação projectiva.

As modificações do pensamento devido à clivagem podem ser causadas, considera Luzes, tanto por um predomínio da clivagem, caracterizada por um não reconhecimento da parte boa do objecto e dos bons aspectos de si, como por uma clivagem mal efectuada que origina, a nível das relações objectais, uma impossibilidade em separar o bom do mau objecto.

Na matriz original das perturbações esquizóides está, segundo a afirmação do autor, uma relação primitiva insatisfatória com a mãe, que não foi capaz de acalmar as angústias primárias do bebé, mantendo-se neste, ao longo de toda a sua vida, uma tendência para colocar as suas projecções em receptáculos inadequados (continentes ♀ impróprios para os conteúdos ♂, usando a linguagem de Bion). Em consequência e sob o domínio da angústia, da compulsão à repetição ou das suas dificuldades de comunicação, estes pacientes tenderão a projectar nos seus objectos de relação (ou de vinculação), relações afectivas ou sistemas de pensamento que não lhes estão adaptados.

Capítulo 5: Emoções

O último capítulo, especificamente dedicado ao grande protagonista de todo este livro, as emoções, tem como paradigma, podemos considerar, a célebre frase de Freud: ‘se há alguma coisa de valor na vida psíquica são, antes de tudo, as emoções’. Ou, nas palavras do

próprio Luzes, 'as forças psíquicas só são significativas se têm a propriedade de acordar as emoções' (p.185).

Analisando as interligações entre emoção e cognição, Luzes começa por analisar a vinculação, considerando-a uma das emoções cruciais no desenvolvimento precoce. A partir do seu desenvolvimento, as emoções vão participar no estabelecimento da normal clivagem dos objectos em bons e maus, através da sua função de organizadores da bipolaridade que permite que possa ser criado, no psiquismo do bebé, o bom e o mau objecto. Reforçando a ligação entre a cognição e a emoção, o autor acrescenta que esta bipolaridade não é só da responsabilidade da clivagem, mas é também possível, porque houve uma maturação cognitiva e um processo de aprendizagem, obviamente sob a égide das vivências emocionais. Estas vivências, para poderem levar ao crescimento psíquico, têm de estar integradas em estados afectivos positivos, porque, para que se construa um bom objecto, segundo Luzes (p.188),

a criança tem de ter a experiência de estados afectivos positivos ligados a vivências de amor e ternura, de alegria, a recepção de louvores ou confortos em ocasiões inesperadas, bem como a possibilidade de exprimir os desejos próprios com uma abertura compreensiva dos adultos. A isto devem juntar-se condições do meio funcionando como um sistema de vida, que integre a novidade, sem sobrecargas psicológicas, que permita pausas para retemperar as forças, onde as tensões exageradas estejam ausentes, onde não haja stress fisiológico ou psicológico. Estas condições produzem a emoção de alegria, o bem-estar, o sorriso.

E é a partir destas condições que a construção do bom objecto emerge, na forma de *imago do bom objecto*. No entanto, para o crescimento psíquico onde a dialéctica é a tónica, também se tem de ter em conta, de acordo com a explicação desenvolvida por Luzes, o papel das experiências afectivas que implicam 'abandonos, castigos, frustração, privação do prazer, um ritmo de vida irregular com tensão que provocam emoções negativas de insegurança, de angústia persecutiva, de agressividade, de vergonha, sobre as quais se apoia a constituição da imago do mau objecto' (p.188).

Neste sentido, conclui o autor, será na junção destes dois tipos de vivências positivas e negativas que, com a continuação do desenvolvimento, se irão realizar, no psiquismo da criança pequena, a síntese das imagos do bom e do mau objecto, permitindo que a criança tome

consciência de que os objectos maus são apenas uma clivagem dos objectos bons. Esta síntese, Luzes coloca-a, como já o fizera nos capítulos anteriores, na posição depressiva descrita por Melanie Klein. Neste sentido, as emoções podem já ser interpretadas pelo bebé nos seus dois aspectos, positivos e negativos, porque o bebé tem um melhor conhecimento dos aspectos negativos, com o reforço do carácter amável e benfazejo do que é bom, e, além disso, um enriquecimento de novas emoções, englobando, emoções de nostalgia, curiosidade pelo mundo, culpabilidade, angústia e também desejo de reparação do objecto danificado.

Mais tarde, o complexo de Édipo é também portador de uma bipolaridade na vida psíquica, mas, nesta altura, as emoções que acompanham as interações complexas entre a criança e os pais são já muito diferenciadas e nelas se incluem, segundo Pedro Luzes, o amor, a aproximação amorosa, a agressividade, a competitividade, o ciúme, a esperança, a decepção.

Por outro lado – acerca da importância da função de comunicação das emoções e conjugando as funções primárias das emoções com as suas funções secundárias – Pedro Luzes constrói uma *Grelha* ou *Tabela para os Estados Afectivos*, sistematizando e diferenciando os vários estados afectivos. Neste ponto, é de enfatizar o modo preciso e detalhado como o autor expõe as várias categorias de emoções. Mais uma vez numa perspectiva dialéctica, considera que, se o princípio do prazer impele para a procura do agradável e para o evitamento da dor, também pode ser, por outro lado, anti-adaptativo, se o desprazer ou uma emoção negativa inibe os diferentes sistemas ou módulos: ‘uma dosagem moderada de desprazer pode provocar um reforço das pulsões, das relações humanas ou das relações com a realidade, como modo de obter um melhor controle’ (p. 190).

Pela sua actualidade, num momento em que a psicanálise confere um relevo especial ao conceito de narrativa interna, é de salientar a categoria emocional dos cenários que Luzes distingue, nesta grelha, e onde integra as emoções, em conjugação com as recordações de satisfação ou de carência, fixadas a partir de imagens ou dos sistemas interoceptivos ou exteroceptivos. Concretamente, o autor considera que esses cenários são capazes de criar as fantasias míticas que incorporam mitos pessoais, símbolos e intelectualizações que ‘nos ajudam a suportar as contrariedades do presente e a preparar o futuro com projectos de acção’ (p. 191). Por outro lado, acrescenta ainda que, quando estes cenários só contêm elementos pictóricos do passado ou representações do real actual, sem emoções, vão tornar-se

em ficções sem calor humano e que podem mesmo ser vistas como equivalentes de um delírio. Já no funcionamento psicológico normal, e porque criam sequências ou relatos, estes cenários, considera o autor, têm um papel importante na gênese das emoções complexas, uma vez que, pelas emoções e pelas imagens que os constituem, vão preencher o vazio entre o desejo e o mundo exterior, evitando repetições estereotipadas dos comportamentos.

A partir da descrição das emoções primárias, seguidamente, Pedro Luzes reforça a sua hipótese de que as emoções, porque revelam intenções, vão estabelecer intercomunicações nos seres humanos e permitir o estabelecimento das relações interpessoais. Neste ponto, o autor expõe vários argumentos científicos e estudos sobre o valor intencional das emoções no bebé. Se a teoria psicanalítica, mais do que qualquer outra corrente psicológica, tem insistentemente valorizado as emoções na motivação e nas relações interpessoais, contudo, ainda não forneceu uma teoria geral das emoções satisfatória. A questão, segundo Pedro Luzes, para preencher esse vazio no campo psicanalítico, é delinear uma teoria das emoções que possa ser usada na psicologia clínica e na psicanálise. Neste intuito, o autor coloca em conexão os dados da sua experiência clínica psicanalítica com os aspectos que valoriza nas diferentes teorias das emoções, estudando as emoções nos seus aspectos subjectivos, mas também neurofisiológicos e expressivos.

Mais uma vez, o autor evoca os trabalhos experimentais de R. Spitz e de M. Mahler sobre o nascimento dos afectos na criança e a formação desta relação especial entre a criança e a mãe, que é a vinculação. Neste ponto, é dada particular atenção, por Pedro Luzes, às observações de Spitz, demonstrando como as emoções e as relações interpessoais são essenciais, desde o início da vida, para o crescimento psicológico e para promover uma socialização precoce. Saliendo esta importância da criança pequena ter um adequado alimento emocional, Luzes afirma que a criança precisa da 'presença de uma mãe cuja ternura, compreensão intuitiva, alegria, faça brotar sentimentos idênticos, potencialmente presentes na criança'. (p. 200)

Tendo em vista a teoria de Spitz, Luzes considera que a teoria de Bowlby, descrevendo a vinculação a partir dos mecanismos de bounding e deixando de lado o papel das emoções, é reducionista, porque limita os tipos de vinculação. Deste modo, aproximando as ideias de Spitz do pensamento de Darwin, Pedro Luzes reafirma que o verdadeiro crescimento psíquico visa a conversão dos movimentos reflexos de descarga das necessidades instintivas em movimentos de

natureza simbólica e comunicativa, como testemunham as descrições de Spitz sobre a génese do não, enquanto sinal semântico.

De seguida, apoiando-se, mais uma vez, em quase uma centena de referências bibliográficas, o autor estuda a função de motivação das emoções, tanto pelo vértice freudiano, que vincula o sistema emocional ao sistema do impulso ou dos instintos, como pelo vértice das relações das emoções com os sistemas perceptivo e cognitivo. Neste contexto, Pedro Luzes volta a referir-se aos trabalhos de W. James que, antes de Freud, já construíra uma teoria das emoções, relacionando os elementos da cognição com os órgãos viscerais regulados pelos princípios homeostáticos.

Desta forma, Luzes reafirma a importância das concepções pioneiras de Freud sobre o papel das emoções e, concretamente, a perspectiva de que as emoções podem actuar como traumatismos, como corpos estranhos perturbadores que, quando não descarregadas adequadamente, subsistiriam no psiquismo, não em estado puro, mas como uma estrutura idea-afectiva, contendo as emoções e os acontecimentos que estiveram ligadas à sua eclosão e que figuram como memórias. Todavia, Pedro Luzes considera que estas teorias não são suficientes para compreender toda a extensão do papel motivador das emoções no psiquismo, nomeadamente, a hipótese, que irá desenvolver ao longo deste capítulo, de que existe uma ligação entre órgãos efectivos periféricos, zonas erógenas e emoções.

Para fundamentar a sua hipótese, o autor refere as teorias de Tomkins sobre o sistema emocional que, a par das premissas psicanalíticas, influenciaram alguns dos postulados de que partiu para construir este seu modelo teórico. Do modelo de Tomkins, Luzes preserva a concepção, segundo a qual o sistema emocional constitui um sistema motivador primário do psiquismo. Neste contexto, as emoções são amplificadores dos impulsos, na medida em que, para que o impulso se possa traduzir numa excitação, necessita que o afecto funcione como um amplificador, porque, se o afecto não for compatível com o impulso, este não vai actuar. Por outro lado, Luzes explora também a concepção de Tomkins de que as emoções, pelos seus mecanismos neuronais inatos, produzem respostas víscero-motoras que vão, por sua vez, produzir feedbacks que intensificam a experiência emocional. Este movimento não impede, porém, acrescenta, que as emoções possam prescindir desses feedbacks periféricos, substituindo-os por imagens de origem central emitidas pela memória. Um fenómeno semelhante ocorre nos sonhos em que determinadas sensações são integradas em esquemas

mnésicos anteriores obtidos pela recuperação de memórias antigas, conscientes ou inconscientes.

Neste sentido, Luzes considera que a psicanálise, nas suas formulações sobre as emoções, não tem reconhecido um papel de relevo, por exemplo, à expressão do rosto, a não ser no tratamento de crianças. Para colmatar esta lacuna da teoria psicanalítica, o autor fornece argumentos, citando trabalhos experimentais, a favor da tese de que existe, na motivação emocional do rosto, muitos elementos que são de origem oral, no sentido clássico que se dá, na psicanálise, a este termo. Isto porque, muitos afectos que parecem manifestar-se na face são, na realidade, afectos que foram, nos primeiros tempos de vida, inseridos em mecanismos de feedback, motores construídos à volta de sensações sentidas no perímetro da mucosa bucal. No mesmo sentido, pode-se considerar que, na zona anal, os músculos e os órgãos de carácter muscular desempenham um papel primordial na alternância de sentimentos, nas oscilações entre o amor e o ódio e na necessidade de exercer controlo ou uma retenção.

Apesar da ênfase dada à teoria de Tomkins e dos seus seguidores, Pedro Luzes, notando nesses argumentos algumas insuficiências, relacionadas com o papel exagerado dado desempenho dos estímulos exteriores – tornando difícil compreender a discordância que, por vezes, surge, entre estímulos exteroceptivos e a resposta afectiva – propõe uma teoria das zonas erógenas, tendo em conta o tonos interno do indivíduo, resultante das respostas fisiológicas e dos traços mnésicos de experiências anteriores. Deste modo, o autor alarga o campo da compreensão psicanalítica a zonas que estão situadas na fronteira entre o exterior e o interior do corpo e regiões onde as interações com o outro, desde a infância, são muito importantes. Este processo possibilita que haja, precocemente, na vivência da pessoa, uma retenção de memórias ou hábitos, vindos de fora, que, de futuro, irão orientar a resposta afectiva da pessoa.

No final desta discussão sobre as emoções motivadoras, Pedro Luzes analisa ainda outras concepções que colocam a emoção como antecedendo a cognição e não somente como acompanhante ou pré-condição da motivação. Neste sentido, é reafirmada a hipótese, com assento empírico e clínico, de que as emoções são agentes de activação de todo o sistema motivacional, no qual a repetição das experiências positivas e o evitamento das experiências negativas tem um valor cognitivo.

No ponto seguinte do livro, são estudadas as relações entre *emoção* e *cognição*. Assim, Luzes começa por fazer referência aos filósofos

fos que, ao longo dos tempos, trataram a relação entre os factores emocionais e os factores cognitivo-intelectuais, como Aristóteles, São Tomás de Aquino, Descartes, que deram a primazia à racionalidade em relação às emoções, e, por outro lado, filósofos como Platão, Santo Agostinho, Rousseau, Hume ou Schopenhauer, que afirmaram, ao contrário, a preponderância do afecto e das emoções. Seguindo estes últimos autores, segundo é afirmado por Luzes, as emoções ‘devem actuar como guias da nossa conduta, seguindo o intelecto apenas como instrumento da afectividade’ (p. 221).

Por outro lado, Pedro Luzes – reafirmando que as emoções têm funções de comunicação e funções motivadoras importantes, que governam de maneira soberana certas épocas da vida, especialmente na infância e na adolescência – explora a teoria psicanalítica, considerando que esta vai completar as lacunas das teorias cognitivas das emoções, ao demonstrar que é a cognição e não a emoção que é efémera e que desaparece da memória e da noção de relação causal. Assim, considera que a amnésia infantil atinge vivências cognitivas que são recordações autobiográficas das pessoas, mas que deixa intactos muitos fenómenos afectivos que lhes estão associados. Neste aspecto, Luzes parte da concepção de Freud sobre a amnésia infantil, definindo dois tipos de memória: uma memória de fixação e de reconhecimento, que se manifesta predominantemente na infância e que se destina a uma apreensão global das situações; e uma memória de fixação e de evocação do adulto, capaz de funcionar de modo voluntário e intencional e que já não apreende as situações de um modo global, no campo de elementos descontínuos abstractos, lógicos ou conceptuais.

A partir desta classificação, Luzes caracteriza a memória infantil como sendo involuntária, gestáltica e, a maioria das vezes, inconsciente, explicitando que aquela se dá a conhecer por mecanismos de repetição que se observam nas neuroses em que determinadas recordações actuam como centros de atracção, influenciando todo o comportamento. A memória infantil dá-se, igualmente, a conhecer através do sonho, território privilegiado para os desejos infantis se manifestarem, onde a memória infantil pode mostrar-se, quer de uma forma espontaneamente repetitiva, quer trazida ao sonho por via de acontecimentos recentes.

Neste contexto da neurose, é colocada a questão se é necessário levantar a amnésia infantil para se poder obter a cura das neuroses. O autor afirma que, apesar de não haver uma resposta consensual para este problema, se pode pensar que o paciente neurótico terá de con-

seguir reviver, não apenas as memórias do seu passado, mas, igualmente, os afectos e os seus modos de pensar primitivos, para lhe ser possível fazer, no decurso do tratamento psicoterapêutico, uma integração ou uma reintegração adequada da sua personalidade que o leve ao processo da cura. Luzes salienta ainda que, para reconstruir, na análise, a infância e a adolescência do paciente, não é possível recorrer apenas às suas memórias factual e conceptual, sem implicar a memória totalizante e afectiva que é originária da infância.

Não desconsiderando, contudo, os fenómenos cognitivos, Luzes considera que a memória infantil, como memória primitiva que é, se caracteriza por um pensamento com as características dos processos cognitivos primitivos, onde predominam o processamento global e as imagens, principalmente visuais. Nesta memória infantil, não existe uma clara distinção entre o Eu e o não-Eu, reinando uma ausência das noções de tempo, porque, quando esta memória é evocada, situa-se imediatamente no presente e não no passado, havendo, também, uma ausência dos aspectos conceptuais e lógicos. Com o crescimento, segundo esta explicação, as vivências emocionais vão diminuir e, com estas, os processos cognitivos primitivos também vão desaparecendo, permitindo que as formas do pensamento global, onde predominavam as imagens, possam ser completadas ou substituídas parcialmente por estruturas de pensamento dependentes da linguagem. Para exemplificar o contraste entre estas duas formas de memória e de cognição presentes no adulto e na criança, Luzes evoca Proust e a sua obra, *A la Recherche du Temps Perdu*, nomeadamente, na discussão do livro sobre o tempo re-encontrado, onde, considera que este contraste está magistralmente registado.

Nestas explorações sobre a relação entre a emoção e a cognição, o autor refere, mais uma vez, a teoria de Freud que liga as emoções à herança de traumatismos da espécie humana transmitidos, filogeneticamente. Esta teoria não está de acordo, porém, com a hipótese da impossibilidade de as emoções serem inconscientes, considerando que as emoções são, para o grupo social, o equivalente do que o ataque histerico representa para o indivíduo. Ou seja, quando as recordações de situações traumáticas do grupo são tocadas por acontecimentos similares aos que tinham causado o trauma, no passado, podem-se provocar estados afectivos específicos que são as emoções.

Sendo incontornável a contribuição de António Damásio para o estudo das *relações emoções-cognições*, Luzes refere este neurocientista, em particular, porque também Damásio considera

existir uma relativa autonomia do sistema emocional, face ao sistema cognitivo, a partir das observações neurológicas expostas no seu livro, *O Erro de Descartes* (1994). Neste trabalho, Damásio descreve um grupo de doentes com lesões dos lobos frontais, que não têm reacções emotivas, mas conservam intactas as suas capacidades intelectuais, notando que estes doentes não conseguem utilizar adequadamente essas suas capacidades intelectuais, apesar de estarem conservadas, quando têm de se adaptar ao real, fazer escolhas ou planos para o futuro. Isto se deve, considera Damásio, ao facto de que as capacidades emotivas destes pacientes não cumprem as suas funções de investimento num determinado caminho (em detrimento de outro ou outros caminhos), o que leva Damásio a designar as emoções de qualificadores autónomos de tudo o que se passa à volta da pessoa. Damásio cita, ainda, o caso de um paciente que, devido a ter uma supressão do sistema emocional causada pela abolição da memória atingida por uma amnésia particular, lhe era impossível a cognição, o que o obrigava a viver num eterno presente sem conseguir reconhecer as pessoas que partilhavam o seu quotidiano, nem ter referenciais que envolvessem o passado, só podendo adquirir conhecimentos sensorio-motores e nada mais. Contudo, Pedro Luzes salienta a afirmação de Damásio, segundo o qual a amnésia não impedia este paciente de se dirigir, preferencialmente, a certas pessoas, de quem parecia gostar, e de evitar outras de quem, aparentemente, não gostava. Submetido a testes específicos para avaliar as suas preferências pelas pessoas que com ele lidavam quotidianamente, o paciente mostrou ter uma aprendizagem não consciente e baseada numa interacção puramente emocional.

Em complemento a este caso clínico, e para exemplificar a sua própria tese de separação das emoções e da cognição, sem ser necessário haver patologia neurológica, Pedro Luzes relata um interessante caso clínico de um jovem sofrendo de uma esquizoidia que, como afirma e devido à psicopatologia do rapaz, tinha mais medo do seu amor do que da sua agressividade.

No final deste capítulo, o autor trata as relações entre *emoção e traumatismo* e, baseando-se no caso clínico que acabou de apresentar, considera que, quer emoções principais, como a raiva, o amor ou a angústia, quer outras de carácter mais secundário, são processos que percorrem um longo caminho, desde a infância até à idade adulta, sem nunca se deixarem domar ou consentirem ser postas de lado. Por isso, afirma, 'ao contrário do que dizem os Testbooks ou o senso comum, a emoção não é uma breve reacção que dura segundos ou

escassos minutos, mas um processo que pode durar enquanto dura a vida, condicionando modos de reacção, a personalidade, outras emoções, amores-desamores e suas múltiplas transferências' (p. 230).

A partir destas características de durabilidade e persistência das emoções, Pedro Luzes, baseando-se nos trabalhos de diversos autores, lança uma ponte entre estas emoções e os traumatismos, considerando que existe um continuum entre as emoções banais do quotidiano e o traumatismo psíquico, colocando os estados psicopatológicos numa posição intermédia neste continuum.

Seguidamente, fazendo uma recapitulação das características do traumatismo psíquico, Luzes relembra que, para Freud, o traumatismo nunca deixou de designar uma influência do exterior. Ou seja, estando na origem de uma experiência vivida, causava uma excitação ou uma estimulação que não podia ser tratada ou elaborada pelos meios habituais de descarga, ficando como um corpo estranho no psiquismo que o iria atacar e provocar a sua desorganização. Assim, numa situação de traumatismo psíquico, a presença deste corpo estranho, não permitindo que os princípios do prazer e da constância possam desempenhar a sua função habitual de descarga, vai originar que, para além da dor psíquica por angústia ou susto, haja uma paralisia que deixa a pessoa incapaz de reagir ou de actuar, de modo parcial ou total.

Esta concepção freudiana do trauma psíquico conduz Pedro Luzes, de novo, a António Damásio (2003) e ao seu mais recente livro sobre as emoções, *Ao Encontro de Espinosa*, notando que, da mesma forma que W. James, Damásio considera que, na criação das emoções, incluindo as traumáticas, as alterações corporais precedem a emoção. Assim, se, aparentemente, quando a pessoa recebe uma má notícia, fica triste e chora, ou, quando vê um urso pela frente, tem medo e foge, na realidade, a ordem é inversa: a pessoa fica triste, porque chora, foge do urso e, em consequência, tem medo. Isto acontece, precisa Luzes, porque os estímulos corporais influenciam os núcleos cerebrais que, por sua vez, vão afectar músculos, vísceras e áreas de comando vegetativo. Estes novos estímulos oriundos do corpo, vão, por sua vez e utilizando um processo de feedback, atingir de novo o encéfalo, produzindo-se, então, emoções e sentimentos. Deste modo, segundo Luzes, e contrariamente ao que se poderia pensar na prática, deve-se chorar e fugir do urso para que não se dê uma retenção dos afectos gerados pelo trauma. Nas palavras do próprio autor (p.231):

Para que, mais tarde, possa haver desbloqueamento e anulação do trauma, é necessário uma catársis, com recuperação da experiência vivida e de todos os afectos que a deviam ter acompanhado (fuga do urso, etc.).

Por outro lado, no entanto, Luzes acrescenta que, se ficou demonstrado experimentalmente que as emoções de intensidade média ou elevada são seguidas de ruminação mental e de rememoração diante de terceiros, contudo, nem a ruminação nem a rememoração ajudavam, por si sós, à *abreacção* das emoções bloqueadas, sendo necessário um trabalho de exploração psíquica em profundidade.

É neste contexto que Pedro Luzes termina este capítulo e termina o próprio livro, apontando, de um modo impressionista, o contraste entre emoções e pensamento.

Comparando o pensamento que flui ao sabor das sensações, que continuamente se transformam, como o polypier de imagens em constante *ilusão* e *rectificação* de que falava Taine, Luzes conclui, no quadro desta alternância entre a ilusão e a rectificação, que só ao nível das ideias gerais e dos conceitos é que as sensações podem alcançar, finalmente, uma estabilidade e uma durabilidade:

As emoções atingem uma estabilidade temporal, muitas vezes silenciosa e imobilista. Têm estrutura unitária e integradora que aparece como simples, embora seja altamente complexa. As suas perspectivas temporais permitem-lhe durar o que duram as nossas vidas, do berço à tumba. Finalmente as emoções aproximam-nos das outras espécies vivas, enquanto o pensamento nos segrega para um espaço à parte (p.232).

Como apêndice do livro e dedicando-o a António Damásio, Luzes faz, no final, uma retrospectiva sobre o filósofo David Hume (1711-1776) conhecido pelos seus escritos em prol das emoções e do livre pensamento. Neste sentido, salienta que Hume, no seu *Tratado da Natureza Humana*, escrito numa época em que já dominam o empirismo e o cepticismo e em que a razão deixou de ser sacrificada a favor da fé e da religião, defendeu que são as paixões, nas quais engloba emoções e afectos, que devem dominar sobre a razão. Luzes cita-nesta poderosa frase (p:237; itálico acrescentado):

'A razão é, e deve continuar a ser, a escrava das paixões, e não deve procurar outra função que não seja servi-las e obedecer-lhes'

Por outro lado, é afirmado que Hume conferiu também um lugar central à *simpatia* na sua teoria das paixões, definindo-a como a capacidade que a pessoa tem de sentir em unísono com os outros, mesmo quando as inclinações e os sentimentos desses outros são diferentes dos seus e considerando, além disso, que é por via dessa simpatia que os impulsos egoístas podem ser vencidos. Pedro Luzes, conclusivamente, volta a citar Hume (p.237):

‘Nenhuma qualidade da natureza humana é mais notável em si mesma e pelas suas consequências, que a propensidade que temos de simpatizar com os outros e de receber a comunicação das suas inclinações e sentimentos, mesmo quando diferentes ou contrários aos nossos. Isto não é só evidente nas crianças, que, implicitamente, adoptam todas as opiniões que lhes são propostas, mas mesmo em homens de requintado juízo e entendimento que sentem a maior dificuldade em seguir as próprias razões ou inclinações, desde que contrárias às dos seus amigos e companheiros’.

REFERÊNCIAS

- Damásio, António
 1994 *O Erro de Descartes: Emoção, Razão e Cérebro Humano*. Mem Martins: Publicações Europa-América.
 2003 *Ao Encontro de Espinosa: As Emoções Sociais e a Neurobiologia do Sentir*. Mem Martins: Publicações Europa-América.
- Luzes, Pedro
 1982 *Contradições do Narcisismo*. Relatório ao III Encontro da Sociedade Portuguesa de Psicanálise com a Associação Madrilena de Psicanálise.
 2004 *Do Pensamento à Emoção*. Lisboa: Fenda.
- Nussbaum, Martha
 2001 *Upheavals of Thought: The Intelligence of Emotions*. Cambridge: Cambridge University Press.

Um Itinerário de Leitura do Livro de Pedro Luzes, *Do Pensamento À Emoção*

A Reading Itinerary of Pedro Luzes' Book, *From Thought to Emotion*

Sumário

Este artigo é um guia de leitura do livro *Do Pensamento À Emoção*, do psicanalista português Pedro Luzes, acompanhando a sequência dos seis capítulos da obra. A tese organizante do livro, segundo a qual as emoções asseguram o estabelecimento das relações interpessoais, é apoiada na psicanálise e no contributo de outros modelos da psicologia e da psicopatologia. Neste sentido, são estudadas as representações mentais, com os seus aspectos evolutivos, os processos do pensamento e as articulações entre o cognitivo e o emocional e entre a linguagem e o pensamento. O livro aborda, por outro lado, a procura de significado e as perturbações do pensamento, nos seus aspectos descritivo e dinâmico. Finalmente, é feito um estudo aprofundado das emoções e suas relações com o conjunto do funcionamento psíquico, nomeadamente, a cognição e a motivação.

Summary

This article is a reading guide to the book *From Thought to Emotion*, by the Portuguese psychoanalyst Pedro Luzes, following the sequence of the work's six chapters. The organizing thesis of the book, according to which the emotions ensure the establishment of inter-personal relationships, is supported in psychoanalysis and in the contribution of other psychology and psychopathology models. In that sense, the mental representations are studied, along with their evolutive aspects, the processes of thought, and the articulations between the cognitive and the emotional, and between language and thought. The book approaches, on the other hand, the search for meaning and the thought disorders, in their descriptive and dynamic aspects. Finally, a more deepened study of the emotions is done, emphasizing their relations with the set of the psychic activity, namely, cognition and motivation.